

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (MAUC)

Data da submissão: 24/04/2024

Data de aceite: 01/07/2024

Iuri Furini Lopes Da Silva

Universidade Estadual do Ceará - UECE –
Fortaleza - Ceará
<http://lattes.cnpq.br/8428749051552028>

Fátima Maria Leitão Araújo

Universidade Estadual do Ceará - UECE –
Fortaleza/CE
<http://lattes.cnpq.br/0660621158248890>

PALAVRAS-CHAVE: Educação patrimonial.
Estágio supervisionado. Ensino.

SUPERVISED INTERNSHIP: AN EXPERIENCE IN HERITAGE EDUCATION AT THE ART MUSEUM OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ (MAUC)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar discussões e reflexões a respeito da prática de uma experiência de estágio no Museu de Artes da UFC. Essa divulgação da prática é pensada com o objetivo de valorizar tal atividade e apresentar os benefícios da mesma, assim como todo o aprendizado adquirido que colabora para a formação de futuros educadores. É discutido o que pode ser retirado da experiência enquanto mediador que colabore com a formação e atuação em salas de aula de educação formal. Conclui-se que tais contribuições são inúmeras, tornando a prática da mediação um convite a estratégias pedagógicas alternativas, estimulando a formação continuada e a relação entre o exercício da função do pesquisador, professor e educador de patrimônio.

ABSTRACT: The present work aims to present discussions and reflections regarding the practice of an internship experience at the UFC Arts Museum. This dissemination of the practice is designed with the aim of valuing this activity and presenting its benefits, as well as all the learning acquired that contributes to the training of future educators. What can be learned from the experience as a mediator who collaborates with training and performance in formal education classrooms is discussed. It is concluded that such contributions are numerous, making the practice of mediation an invitation to alternative pedagogical strategies, stimulating continued training and the relationship between the exercise of the role of researcher, teacher and heritage educator.

KEYWORDS: Heritage education.
Supervised internship. Teaching.

CONTEXTUALIZANDO A PRÁTICA DA AÇÃO EDUCACIONAL PATRIMONIAL

O curso de licenciatura em História da Universidade Estadual do Ceará, que é regido pela matriz curricular do fluxo de disciplinas 2016/2, demanda que os estudantes da graduação do curso tenham quatro práticas de estágios obrigatórias, e é nas experiências da disciplina de “Estágio Supervisionado II: Ação Educacional Patrimonial” que este trabalho irá se aprofundar.

O Estágio II - Ação Educativa Patrimonial tem por objetivo compreender a relação do ensino de história com os conceitos de cultura, memória e patrimônio cultural, identificando, refletindo e vivenciando experiências que promovam ações no âmbito da educação patrimonial. Neste sentido, concomitante às reflexões teórico-metodológicas com o fito de preparar os estudantes para o exercício crítico da Educação Patrimonial, os mesmos desenvolvem projetos de ação educativa em instituições de memória e cultura da cidade, preponderantemente em instituições museológicas, ou em escolas da educação básica.

Nas últimas décadas, o conceito de patrimônio cultural ganhou um peso muito significativo no mundo ocidental. Não somente os bens tangíveis ou materiais tiveram realçado o seu valor, mas ganhou visibilidade, também, uma nova qualificação de patrimônio: o patrimônio cultural imaterial ou intangível. Em tal perspectiva, patrimônio cultural é tudo aquilo que constitui um bem apropriado pelo homem – o que ele faz – com suas características únicas particulares – o que é importante para ele e para a comunidade da qual faz parte.

Falar sobre a relação entre museu e educação pressupõe a necessária discussão sobre patrimônio cultural, que, por sua vez, se associa aos conceitos de memória e identidade, haja vista, a compreensão de patrimônio cultural como locus privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade. Nesta perspectiva, devemos compreender a educação como um processo que pressupõe reflexão constante e ação transformadora dos sujeitos no mundo (FREIRE, 1996). Eis que aqui se situa o importante papel dos museus nos processos de desenvolvimento de educação patrimonial problematizadora e de tal modo suplantar o modus operandi do colonialismo, que resultou na supressão de formas peculiares de saber das nações/povos colonizados.

O presente trabalho tem como finalidade a explanação das experiências adquiridas no Locus do estágio em Ação Educativa Patrimonial, qual seja, o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), no qual cumprimos uma carga horária de 30 horas que foram distribuídas em diversas atividades como reconhecimento do espaço, observação participante, conhecimento da proposta pedagógica do museu, elaboração de um plano de mediação e práticas de mediação. Com início no dia 10 de maio de 2023 e finalizado no dia 17 de junho do mesmo ano.

A oportunidade de realizar esta atividade é enriquecedora para um aluno de licenciatura, visto que o público em que lecionamos na disciplina anterior (Estágio Supervisionado I) era mais limitado (Crianças e Adolescentes de 11 a 18 anos), e a realidade de funcionamento de uma escola também diverge bastante do cotidiano da instituição museológica.

Com a expansão de públicos-alvo, aprendemos a diversificar nossas linguagens, atuações, perspectivas de um mesmo conteúdo e a abordagem com o esse público também. É de fato uma experiência inovadora.

O equipamento no qual foi desenvolvido o estágio é o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC). Este é vinculado à Secretaria de Cultura da Universidade Federal do Ceará, que é um órgão do Ministério da Educação (MEC). Seu espaço físico comporta oito salas de exposições permanentes e outras duas para exposições temporárias. Além disso, o prédio também comporta uma biblioteca, reserva técnica, arquivo, administração e auditório. Portanto, neste trabalho apresentamos de forma reflexiva, as experiências desenvolvidas no espaço museal de tão importante equipamento cultural no âmbito da Universidade Federal do Ceará.

EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO

Portanto, no caso específico da experiência aqui relatada, o estágio aconteceu paralelamente às discussões em sala de aula da disciplina, que tem em seu programa uma bibliografia voltada para as temáticas concernentes à História e memória, à cultura, patrimônio cultural (material e imaterial), educação patrimonial e educação museal. Assim, as discussões em sala contribuem com o embasamento teórico para a inserção e ambientação do estagiário em sua atuação durante o estágio.

As discussões teóricas e o exercício do estágio estabeleciam entre si uma relação de retroalimentação em que uma contribui com a outra, resultando em uma práxis extremamente positiva. No museu a prática é distribuída entre atividades de estudo, pesquisa, inserção na dinâmica do equipamento, observação, auxílio na montagem de exposições e curadorias e, enfim, mediações.



Figura 1: Atividade de auxílio na montagem da exposição “Descartes ‘Griô’ Profeta” em comemoração aos 80 anos do multiartista cearense Descartes Gadelha.

Assim como a arte é interpretativa, e não temos definições padrões, do que seria certo ou errado numa interpretação e que a subjetividade domina neste sentido, as salas também são. Cada pessoa, grupo ou coletivo que visita ao MAUC terá uma experiência diferente, mesmo que seja com o mesmo objetivo e que pertençam ao mesmo curso de graduação, por exemplo. Afinal, somos humanos e a inconstância nos acompanha através de nossas experiências que são singulares e não conseguem ser comparadas. Por isso tudo é trocado, é trocado tipo de linguagem, trajeto, prioridades que sejam vistas, porque o que importa é que o conhecimento e a realização da satisfação aconteçam, e não uma ordem lógica ou ritual a ser seguido.

RESULTADOS OBSERVADOS E DISCUSSÕES DA PRÁTICA

Programas de bolsas como “PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência”, dão uma noção ao graduando a respeito da atuação em sala de aula inserindo os discentes na ambientação de uma gestão escolar. Quanto à prática do estágio em uma instituição de patrimônio traz uma reflexão sobre o funcionamento destes equipamentos e nos faz entender como funcionam os espaços de educação não formal e suas potencialidades ao ensino de história.

Instituições de memória trazem consigo o dilema de comportarem no presente obras elaboradas em outra historicidade, mas também significam poder político na atualidade.

“Conhecer para preservar” se encaixa neste jargão de ideias do passado utilizadas como verdades absolutas no presente, e que além de despolitizar o debate em educação patrimonial, impedem a realização de avanços na área. [...] Conhecer para preservar parte do pressuposto da ignorância da população acerca de seu patrimônio e, mais ainda, credita a este sujeito indefinido – população – a fonte de todos os problemas do patrimônio. Despolitiza, assim, o debate, uma vez que culpabiliza um ser genérico, deixando de explicitar o que está por trás das dificuldades da preservação” (SCIFONI, 2017, p.7).

Cada um desses equipamentos nasce com um propósito e uma finalidade social, inclusive o próprio MAUC. Em julho de 1961 o museu inicia suas atividades através da posse de instrumentação legal (Resolução Nº. 104, de 18 de julho de 1961). A ideia da criação do museu parte de Antônio Martins Filho que viajando à Europa lá conheceu alguns aparelhos e instituições de patrimônio e cultura semelhantes (SIQUEIRA, 2019). Inspirado nessa experiência, ao retornar ao Brasil, à época como reitor da UFC, ele decide abrir o museu buscando a colaboração de artistas e pensadores importantes da década de 1960, como: Antônio Bandeira, Heloísa Juaçaba e o pintor maranhense Floriano Teixeira, cujo qual trabalhou durante anos como desenhista oficial do museu no gabinete de Antônio Martins.

Seu objetivo principal ao fundar o museu foi a sedimentação do conhecimento cultural na mentalidade dos cearenses, principalmente universitários. Ele percebeu em suas viagens que muitos dos alunos pertencentes às universidades dos países que visitou, conheciam muito de sua própria cultura e se apropriaram dela com a sensação de orgulho e pertencimento. Visando o mesmo resultado no Ceará, ele fundou o MAUC.

No decorrer dos anos, podemos observar várias mudanças como a administração e a dinâmica política do museu. Depois do governo Temer (2016-2019), o museu deixou de receber recursos suficientes para adquirir novas obras. A quantia enviada, serve hoje apenas para mantê-lo funcionando. O acervo do MAUC é riquíssimo, porém suas obras que não foram compradas durante sua fase inicial de grande incentivo, são doações feitas por artistas.

Mesmo com o desalento público para com o equipamento, aprendemos bastante com a dinâmica de funcionamento do núcleo mediador, já que em meio a escassez de incentivos, ainda assim conseguimos realizar diálogos profundos com as obras que o museu comporta. É interessante aqui realizarmos um paralelo com espaços de educação formal (escolas e instituições de ensino) que muitas vezes se encontram na mesma situação de falta de recursos, e mesmo assim a prática docente acontece com muita maestria.

É uma experiência rica ao aluno de licenciatura também a execução da prática da mediação. Esta, é diferente dos processos de ensino e aprendizagem executados em sala de aula. Por ser um espaço de educação não formal, e claro, pelo incentivo do núcleo gestor também, o museu é mais adepto a práticas pedagógicas intituladas “alternativas”, alinhadas às práticas construtivistas do conhecimento. Segundo Marandino (2008), os mediadores do museu estão construindo conhecimento com os visitantes e não para os visitantes, não ignorando todo o conhecimento que é trago por eles que foram adquiridos em outros espaços educativos, sejam eles formais ou informais.

A pluralidade de públicos, em todos os sentidos, faz com que este estágio seja ainda mais produtivo para o aluno de graduação em história. Baseado em um mesmo material o mediador deve construir e decidir qual didática deve utilizar com aquela turma de visitantes, assim como estratégias pedagógicas e metodologias de ensino; com uma análise prévia do perfil dos visitantes disponibilizado também de maneira prévia pelos gestores do educativo. Tal prática se apresenta com grande semelhança ao planejamento pedagógico que deve ser elaborado pelos educadores em ambientes formais de educação. Isso auxilia ao futuro docente ter uma ampla percepção de sua atuação em sala e proporciona uma visão mais dialética da prática.



Figura 2: Registro da prática de mediação com visitantes do museu.

O exercício da mediação ajuda o licenciando a criticar o sistema de educação bancária (FREIRE, 1996), em que a sala de aula é um ambiente hierarquizado e o aluno, que está na base dessa hierarquia, deve apenas receber o conteúdo, que vem do educador que é o portador do conhecimento, tendo o mesmo nada a oferecer nesta relação. Mediar não é apresentar, e apresentar não precisa ser ensinar. Levar o que o aluno tem a oferecer de vivências ou de conhecimento adquirido previamente, torna a prática docente mais inclusiva, participativa e interativa, conseqüentemente mais interessante para o aluno.

A estadia na instituição pode proporcionar a vivência de formações, mesas redondas, seminários, fóruns, debates, palestras, oficinas, cursos e minicursos, contação de histórias e exercícios criativos. O contato com atividades diversas pode estimular no educador um encorajamento para reproduzir tal cenário também nas instituições de ensino formal, como forma de valorizar a singularidade e a subjetividade dos alunos, fugindo de uma prática de sala de aula monótona.



Figura 3: Roda de conversa com a Professora Isabel de Artes da Universidade Federal do Ceará.



Figura 4: Sessão de desenhos com modelos vivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática museológica é extremamente rica e foi um aprendizado que levarei para toda minha vida profissional. Pude aprender o que de fato é a mediação, sobre a administração de um museu e seus processos, sejam eles os de quando estamos com as portas abertas ou os internos, de portas fechadas. Tal prática me desafiou quanto educador a conversar com públicos distintos, de faixa etária distintas, classes sociais diversas e mesmo assim construir conhecimento com todos os visitantes que iriam visitar o museu.

Esta experiência me fez pensar na relação interessante estabelecida entre o pesquisador, educador de patrimônio e professor (atuações possíveis para nós do curso de História), que podem aprender muito um com outro e que tais atuações enriquecem o cotidiano das outras. Percebo agora que os equipamentos e lugares de patrimônio devem ser ocupados das mais diversas formas possíveis e precisam do apoio da população para que continuem tendo uma atuação e estabilidade próspera. As pessoas que atuam no coletivo do museu serem de origens, etnias, sexualidades, identidades de gênero diferentes enriquecem as vivências que serão passadas e mediadas aos visitantes.

Trazer cursos diversos para atuarem na instituição não muda o seu foco inicial. Esses cursos conseguem conversar dialeticamente entre si e completam o conteúdo e a experiência vivida na instituição. O mais importante que consigo ver é que, como lugar de memória, os museus têm vieses ideológicos e políticos. Os membros do coletivo têm que estar comprometidos a acima de tudo com que tipo de conteúdo e memória querem construir com o público e propagar ao mundo. Esse é o ponto crucial da atuação do mediador.

REFERÊNCIAS

CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. In **Revista do Patrimônio**, no 34/2012. Rio de Janeiro: IPHAN (organização: Márcia Chuva).

FILHO, Antônio Martins. **A Ideia da Criação do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará**. gov.br. Disponível em: <https://mauc.ufc.br/pt/sobre-o-mauc/historia/>. Acesso em: 29/07/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo. Paz e Terra. 29a ed. 1996.

GOUVEIA, Inês; PEREIRA, Marcelle. A emergência da Museologia Social. **PoI. Cult. Rev.**, Salvador, v.9, n.2, p.726-745, jun./dez., 2016.

MARANDINO, Martha. **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Geen/FEUSP, 2008.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. Patrimônio Cultural e Identidades. In MARTINS, Clerton (org.). **Turismo, cultura e identidades**. São Paulo: Roca, 2003.

SCIFONI, Simone. “Desafios para uma nova Educação Patrimonial”. In **Políticas e práticas da Educação Patrimonial no Brasil e na América**. Revista Teias. V.18. Nº 48. Rio de Janeiro: UERJ, Jan-Mar, 2017.

SILVA, I. F. Lopes da; ARAÚJO, F. M. Leitão. Educação Patrimonial: Uma experiência de estágio supervisionado no Museu de Arte da UFC. In: **Anais XXVIII Semana Universitária da UECE**, Fortaleza, 2023.

SIQUEIRA, G. K.; CORREIA, H. C. R. de O.; COSTA, P. B. Um museu universitário de arte no Ceará - história, coleções e atuação: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC. **TOM Caderno de Ensaios**, Curitiba, v. 5, n. 9, p. 153- 163, set. 2019.